

Bali e a competitividade da indústria

ECONOMIA



conversa mais ambiciosa sobre a abertura dos mercados agrícolas, vital para o Brasil, só poderá ocorrer a partir de 2014 - e se a **OMC** for bem-sucedida em Bali. A conclusão de um AFC é de grande interesse da indústria brasileira, que quer simplificar e modernizar as relações comerciais internacionais.

No início do ano, a **Confederação Nacional da Indústria (CNI)** apresentou ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial (CNDI) amplo programa de modernização, ancorado em três pilares: a simplificação das leis do comércio exterior, a codificação de normas infralegais esparsas num novo regulamento e o mapeamento de todos os processos de exportação e importação do Brasil para identificar e sanar eventuais dificuldades.

Esse esforço atende à demanda das indústrias, em particular daquelas envolvidas no processo de internacionalização. A **CNI** acaba de concluir pesquisa com quase 700 empresas exportadoras de diversos portes, regiões e setores, sobre os problemas que enfrentam no comércio exterior. Para elas, a maior dificuldade é o câmbio, que tem merecido atenção do governo brasileiro. O segundo é, justamente, a burocracia aduaneira do País. Fica claro, pois, que uma aduana eficiente é fator-chave para a **competitividade** da indústria.

A conclusão do AFC na reunião de Bali combinaria perfeitamente com os esforços do setor industrial e do próprio governo brasileiro, sobretudo da Receita Federal, em favor de uma aduana mais ágil. Isso ajudaria as indústrias nacionais a participar mais e melhor das cadeias globais de valor e a ampliar a importância das manufaturas na pauta comercial do País.

Há, entretanto, uma divergência fundamental entre os membros da **OMC**. Um grupo de países defende que o novo acordo seja legalmente vinculante. Outro

Opinião

ROBSON BRAGA DE ANDRADE

Em menos de dois meses, os quase 160 países-membros da **Organização Mundial do Comércio (OMC)** estarão reunidos em Bali, na Indonésia, para tentar fechar um conjunto de regras que, se concluídas, representarão a primeira atualização significativa das normas do **comércio internacional** em quase 20 anos. O principal tema em negociação será a criação do Acordo sobre Facilitação de Comércio (AFC), que estabelecerá novos parâmetros para o funcionamento mais eficiente das aduanas.

Existe, ainda, a expectativa de acordos limitados em assuntos como agricultura e apoio aos países mais pobres. Mas os negociadores reconhecem que uma

Continuação: Bali e a competitividade da indústria

segmento quer que ele tenha apenas o caráter de uma recomendação, o que, para nós, equivaleria a uma mera carta de intenções, enquanto um acordo vinculante se assemelharia a um contrato no mundo empresarial.

Para a indústria brasileira, o documento só terá valor real se for legalmente vinculante. Além de acelerar o processo que a indústria e o governo brasileiro já vêm conduzindo, ele permitiria, ao mesmo tempo, a eliminação de importantes barreiras burocráticas existentes nos mercados de exportação do Brasil. Uma simples recomendação não teria o poder suficiente para forçar mudanças concretas.

Muitos desses entraves afetam, sobretudo, as pequenas e médias empresas exportadoras. Hoje, por exemplo, os membros da **OMC** não são obrigados nem a publicar as informações básicas sobre suas regras de comércio exterior na internet nem a acelerar o despacho aduaneiro. A morosidade e a falta de trans-

parência, que poderiam ser sanadas pelo novo acordo, às vezes são os elementos que desencorajam os negócios menores de exportar.

Desse modo, a mensagem de apoio do setor industrial e, em particular, da **CNI** ao governo brasileiro é clara: a indústria quer o sucesso da reunião em Bali, com um Acordo sobre Facilitação de Comércio ambicioso e legalmente vinculante. Para os países menos desenvolvidos, devem ser concedidos benefícios adicionais, inclusive em forma de apoio financeiro.

Questões internas não podem ser motivo para frear a concretização do acerto. Está em jogo a **competitividade** da indústria brasileira exportadora. É hora de lutar, com determinação, por regras da **OMC** que melhorem as nossas condições de concorrer no mercado internacional.

***EMPRESÁRIO, É PRESIDENTE DA CNI**